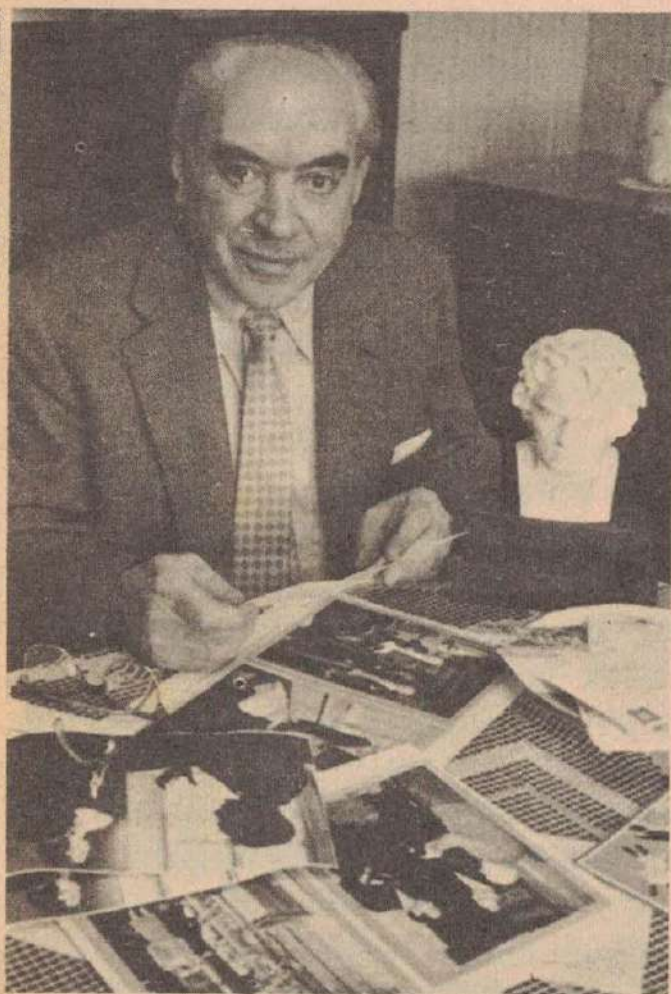


O mais fiel servidor de Beethoven

LILI FOLDES

GEORG MUNKER



Não havia coisa no mundo
que pudesse demover
Heinrich Hasselbach
da proteção das
reliquias do grande mestre

A BEETHOVENHAUS (Casa de Beethoven), em Bonn, República da Alemanha Federal, é um dos mais reverenciados santuários do mundo. Foi ali que, a 16 de dezembro de 1770, o genial compositor nasceu e viveu 22 anos de sua formação. A pitoresca construção que fica na Bonngasse, estreita travessa da parte antiga da cidade, é um lugar de peregrinação. A cada ano, milhares de admiradores de Beethoven, vindos de todas as partes do mundo, acotovelam-se nos pequenos quartos, para espiar os instrumentos musicais usados pelo mestre, seus manuscritos e a parafernália de seu viver cotidiano.

Há 33 anos, essas relíquias sem preço poderiam ter virado cinza, não fosse a energia e a coragem de um homem, Heinrich Hasselbach, zelador do museu. «É para Beethoven que trabalho», responde ele quando alguém pergunta quem é seu patrão. E é verdade — Beethoven foi, e ainda é, o seu patrão. Hasselbach admira profundamente as qualidades humanas do grande compositor, que, inteiramente cômico das próprias fraquezas, inundou sua

música imortal de intoleráveis padecimentos, mas também de alegrias... todas suas.

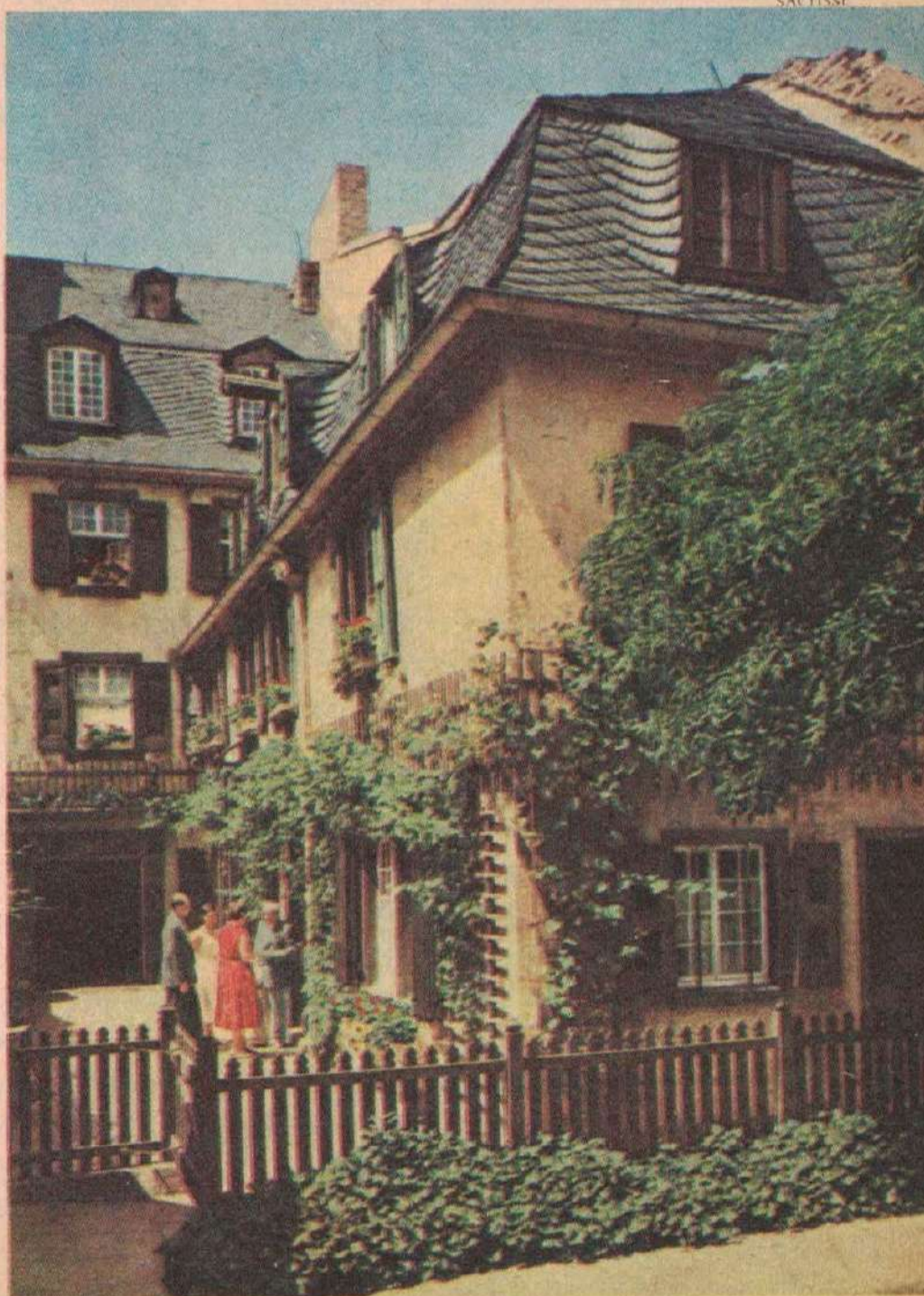
Às 10:35 do dia 18 de outubro de 1944, uma esquadrilha de bombardeiros aliados tomou os céus de Bonn. Hasselbach, então com 50 anos, e sua mulher mal conseguiram refugiar-se num abrigo antiaéreo, e a terra começou a estremecer sob o devastador ataque. Centenas de toneladas de explosivos caíam sobre a cidade; choviam bombas incendiárias sobre os telhados das casas. Em pouco, a cidade não era mais que uma imensa nuvem de fumaça, pó e fogo.

«Preciso ver o que está acontecendo», disse o zelador a sua mulher. Sem dar a mínima importância às bombas nem à densa fumaça, deixou o abrigo e bateu seu caminho. Finalmente, pôde ver, através da tempestade de sujeira e cinza, o recorte da Beethovenhaus — uma construção principal de três an-

dares, dando para a Bonngasse, e um apartamento de dois andares a ela ligado, onde realmente vivia a família do compositor.

Hasselbach localizou um clarão no teto desse apartamento, exatamente em cima do pequeno sótão em que nascera Beethoven. Correu para dentro da casa principal e subiu as escadas. Por uma janela dos fun-

SACISSI



A Beethovenhaus e os apartamentos contíguos onde de fato morava a família de Beethoven

dos, alcançou o telhado da outra construção, agarrou a bomba incendiária e atirou-a, sibilante, no pátio. Viu em seguida mais dois desses artefatos cor de alumínio, infernalmente inflamatórios, fora de seu alcance. Trêmulo, subiu à janela e ganhou o telhado íngreme. A fumaça provocou-lhe vertigens que por pouco não o levaram de vencido, mas acabou por livrar-se também dessas bombas.

Os edifícios vizinhos e a maior parte da Bonngasse ardiam. Por momentos, Hasselbach entrou em pânico. Ele sabia não poder contar com bombeiros enquanto perdurasse o bombardeio; todos tratavam de salvar suas próprias peles, e ninguém, a não ser ele mesmo, iria importar-se com a Beethovenhaus. Foi quando uma citação de Beethoven relampejou por sua cabeça: «Coragem! Malgrado a fragilidade de meu corpo, meu espírito reinará...» Foi até o abrigo antiaéreo e chamou: «Anna, corre aqui!»

Durante nove horas que pareciam não ter fim, Anna e Heinrich Hasselbach carregaram baldes de água do porão ao último piso, procurando encharcar as paredes e o madeiramento da casa. A confusão era quase indescritível. Detritos, entrando pelas janelas quebradas, cobriam o chão e a maior parte das peças do museu. Por volta das 21:00, repentinamente, Hasselbach sentiu-se desmaiar e foi obrigado a sentar-se naquela úmida imundície. Uma substância quente encheu sua boca: abriu-se em seu pulmão o

antigo ferimento de estilhaço de granada, lembrança da Primeira Guerra Mundial, e era essa a causa daquele sangue.

No dia seguinte poderia haver novo ataque, e Hasselbach decidiu tirar tudo dos dois andares superiores e armazená-lo no rés-do-chão. Havia agora outras pessoas, em enorme agitação, apagando os incêndios e desenterrando dos destroços quem estava preso, morto ou ferido; mas, na imensa tarefa de salvar as relíquias preciosas de Beethoven, os Hasselbach estavam sozinhos.

Primeiro, foi preciso esvaziar vitrinas, armários e estantes; depois, cerca de 50 quadros tiveram de ser retirados das paredes; e, por fim, toda a mobília. A eletricidade ainda não tinha voltado, e umas poucas velas eram a única iluminação que havia. Hasselbach sentiu-se um arrombador entre os tesouros que antes tão bem guardara. Muitas vezes impedira as pessoas de tocarem nas peças, e agora era obrigado a andar às apalpadelas por entre elas, como se estivesse num ferro-velho.

Sentia-se feliz, no entanto, pelo fato de que coisas frágeis como os óculos de Beethoven e sua corneta acústica se encontrassem há muito em segurança nos cofres do castelo de Homburg. Hasselbach amava especialmente essa corneta. Uma vez, um político eminente pedira-lhe que abrisse seu estojo, e o zelador fingiu ter perdido as chaves, mas quando se tratou de um cego que demonstrava profundo inte-

resse pelo grande músico, ele o deixou manuseá-la à sua vontade. «Beethoven teria feito o mesmo» afirma Hasselbach.

Quando sob pilhas de livros, Hasselbach teve uma idéia: improvisar um escorrega com duas tábuas e uma grande cesta. Foi por ali que desceram as pesadas arcas, as cadeiras e os quadros grandes de volumosas molduras, juntamente com montes de manuscritos. O zelador os guiava, seguindo-os pelos degraus da escada que rangia. A luz sobrenatural das velas através da fumaça pregava peças naquele homem exausto. Julgou avistar alguém no lugar onde antes estivera o piano de Beethoven. Correu para lá, mas não havia nada.

Certa vez, o grande pianista Paderewski estivera exatamente naquele lugar, quando lhe pediram que removesse o tampo de vidro do teclado para que pudesse tocar nas teclas. «Eu adoraria fazê-lo», respondeu o pianista com um sorriso amarelo, «mas acho que seria um sacrilégio.» Pela segunda vez, o zelador salvava o testamento de Beethoven cuidadosamente, emoldurado numa parede. Anos antes, numa de suas rondas, Hasselbach percebera que aquele espaço se achava vazio, embora o testamento ali estivesse minutos antes. Correu para a rua, e desceu a Bonngasse, emparelhando com um rapaz que pensou ter visto no museu. Bateu-lhe no ombro, e o rapaz, amedrontado, abriu sua pasta e entregou-lhe o documento, ainda emoldurado.

Quando o dia nasceu, Hasselbach abriu caminho entre os escombros carbonizados, até a garagem de um carregador. Depois de oferecer vários pacotes de sua provisão de cigarros e uma garrafa de vinho, conseguiu persuadi-lo a aceitar o perigoso trabalho: realizar a mudança dos pertences de Beethoven para o castelo de Homburg, a 50km a leste dali, local apontado pelo conselho de diretores do museu como abrigo provável.

Às 11:00, pouco depois de o carregador e sua mulher haverem principiado a encher o caminhão, as sirenas de ataque aéreo começaram a dar alarme. Sem se perturbar, o trio continuou o trabalho, e o aviso ainda soava quando o caminhão superlotado se afastou, rodando pelas ruas coalhadas de escombros. Tiveram sorte. Ninguém os deteve nem houve bombas. Tarde da noite, chegaram ao destino. Hasselbach ajudou a descarregar o caminhão, e, mal a última peça havia ficado em seu lugar no cofre-forte do castelo, Hasselbach desmaiou.

«Seu caso é sério», afiançou o médico. «Você tem que ficar de cama por uma semana e depois procurar um especialista de pulmões em Bonn.» Passados quatro dias, Hasselbach voltou a Bonn... de bicicleta. Foi direto à Beethovenhaus, começando logo a pregar tábuas nas janelas partidas, a pôr em ordem os cômodos e a limpar o pátio.

A partir de então, uma vez por semana saía e voltava a Bonn de bicicleta, num trajeto de 100km.

Logo depois, ocorreu seu acidente: foi apanhado num ataque aéreo, quebrando o braço esquerdo em dois lugares. Por todo o inverno, o infatigável Hasselbach guiou sua bicicleta com um braço só.

Na manhã do dia 6 de abril de 1945, um pelotão das s. s. entrou abruptamente pelos portões do castelo de Homburg. Um jovem oficial, cheio de arrogância, exigiu que todo mundo desocupasse imediatamente o castelo: «Os americanos estão-se aproximando e o castelo não pode cair em suas mãos. Vamos dinamitá-lo.»

«Mas isto é a Beethovenhaus», disse com firmeza o zelador, embora seus joelhos tremessem.

«E daí? Você acha que os americanos se importam? Isto é uma ordem!» trovejou o oficial.

Hasselbach sabia que só uma grande mentira poderia salvar os pertences do mestre. «Acho melhor o senhor telefonar para Herr Himmler. Ele mandou que eu me responsabilizasse com minha vida por este tesouro ímpar da cultura alemã, e tem com ele uma lista de cada item do acervo.»

O rosto do oficial ficou em fogo. «Quero ver isso!» exigiu, seguindo o pálido guia até a casa-forte do castelo. Um por um, foram sendo abertos todos os caixotes e arcas, enquanto Hasselbach explicava o valor e o histórico de cada peça. Aí pela metade desse ritual, o militar vociferou: «Chega! Agora vou telefonar a Herr Reichsführer Himmler.» O pelotão, porém, debandou

e, pouco depois, as tropas americanas tomaram o castelo sem um tiro.

Semanas mais tarde, Hasselbach e as relíquias de Beethoven voltaram ao número 20 da Bonngasse. Como se nada houvesse acontecido, o zelador colocou uma nova coroa de louros aos pés do busto de Beethoven em seu quarto de nascimento, espanou o consolo do órgão em que o mestre, aos 12 anos, tocava numa igreja vizinha, e, à noite, guardou seus manuscritos mais preciosos no cofre. Beethoven voltara a casa.

«Tenho sido para ele um servidor fiel e vou continuar assim enquanto viver», diz Hasselbach, que se aposentou em 1959. Em 25 anos de serviço, nunca faltou um só dia. Diz que «podia ter ganhado três vezes mais em outro lugar qualquer», mas, se lhe oferecessem uma posição mais bem remunerada, não a aceitaria. «Acho que Beethoven precisa de mim...»

A casa de Hasselbach, onde ele vive desde que sua mulher faleceu em 1969, está repleta de lembranças de Beethoven: cópias de quadros contemporâneos, o selo de lacre do mestre e a edição original de sua primeira biografia, publicada em 1828, um ano depois da morte do compositor.

Outra coisa que o velho zelador guarda como preciosidade é seu Goldenes Buch (Livro de Ouro) — coleção de autógrafos de algumas das celebridades a quem serviu de cicerone pela Beethovenhaus. «Não de todos», diz-me ele, «só dos que

realmente se interessavam pelo mestre.» Entre eles, estão Hailé Sellassié, Harry Truman, o príncipe herdeiro Akihito do Japão, Indira Gandhi, Adlai Stevenson, Earl Warren e Theodor Heuss.

Três dias antes de completar 80 anos, Hasselbach fez questão de me mostrar a Beethovenhaus. A primeira coisa que notei foi a videira que cobre a estufa. «Achei que Beethoven teria gostado de ver alguma coisa crescendo nestas paredes nuas. Plantei-a há muitos anos», explicou com orgulho.

Ao chegar ao topo da sinuosa escada que dá para o segundo andar, o ancião estava um pouco pálido e

sem fôlego. Forcei-o a sentar numa cadeira exatamente do lado de fora do quarto em que nascera Beethoven... mas, nisto, ouvimos uma voz dizendo: «É proibido sentar nessas cadeiras.» Era um novo guarda do museu, que não conhecia Hasselbach.

O rosto do velho ruborizou-se. «Tem toda a razão, meu jovem», disse-lhe com um sorriso de embaraço, mas cordial. «Ninguém deve sentar nestas cadeiras.» Levantou-se e saímos andando.

Tive a sensação exata de estarmos sendo observados. Será que, lá de cima, o próprio mestre piscara o olho ao seu servidor mais fiel?



MINHA irmã entrou numa loja de departamentos e presenteou-se com um magnífico casaco de pele de coelho. No momento em que preenchia o cheque, perguntou ao balconista se a chuva poderia danificá-lo. Ele negou.

Incrédula, minha irmã tornou: «Tem a certeza?»

«Bom», replicou o homem, «a madame já viu algum coelho de guarda-chuva?»

- D. Thompson, Londres

No SÁBADO anterior ao aniversário de Lenin (22 de abril), todos os cidadãos da União Soviética, com exceção das crianças pequenas e das pessoas idosas ou doentes, devem dedicar seu tempo à comunidade, de graça, naturalmente. Pela manhã, todos comparecem às suas companhias, fábricas ou escritórios governamentais. Geralmente, os executivos e os chefes realizam tarefas fora de suas funções normais, tais como a limpeza das oficinas, dos escritórios e das janelas. Quanto aos operários, procuram produzir, nessa ocasião, mais do que o planejado. Os escolares e estudantes universitários são submetidos ao mesmo regime: vão para suas escolas ou universidades, lavar as salas de aula e encerrar o assoalho. Alguns revolvem a terra dos jardins públicos, varrem as ruas, ou dão uma nova mão de tinta num edifício do governo. É o *Subotnik* (de *soubota*, sábado), um dia de trabalho sem pagamento.

- Gérard Nirascou, em *Le Figaro*, Paris